

Fundamentos para uma filosofia moral da ilustração¹

Foundations for a moral philosophy of the enlightenment

JOÃO BATISTA RODRIGUES LOPES²

Resumo: Neste texto, exploramos como os pensadores do Iluminismo buscam fundamentar uma ética independente da religião, baseada apenas na razão, promovendo liberdade e autonomia. Essa nova moral representa uma mudança significativa em relação à concepção moral anterior, abandonando a visão de uma natureza teleológica e finalista em favor de uma perspectiva mais terrena e humana. Três características principais da moral iluminista, destacadas por Rouanet, são o cognitivismo, que enfatiza a importância do conhecimento na tomada de decisões éticas, o individualismo, que ressalta a autonomia moral de cada pessoa, e o universalismo, que busca princípios éticos aplicáveis a todos. Essas características refletem a transição do papel da religião para a ciência no centro da sociedade moderna, onde as crenças religiosas passam a ser relegadas à esfera privada, como observa Alain Touraine em sua obra “Crítica à Modernidade”.

Palavras-chave: Iluminismo. Moral. Cognitivismo. Autonomia

Abstract: In this text, we explore how Enlightenment thinkers sought to establish an ethics independent of religion, based solely on reason, promoting freedom and autonomy. This new morality represents a significant departure from the previous moral conception, abandoning the view of a teleological and finalistic nature in favor of a more earthly and human perspective. Three main characteristics of Enlightenment morality, highlighted by Rouanet, are cognitivism, emphasizing the importance of knowledge in ethical decision-making, individualism, emphasizing the moral autonomy of each individual, and universalism, seeking ethical principles applicable to all. These characteristics reflect the shift of religion from the center of modern society to science, where religious beliefs are relegated to the private sphere, as noted by Alain Touraine in his work “Critique of Modernity”.

Keywords: Enlightenment. Morality. Cognitivism. Autonomy.

Introdução

Neste texto, procuramos, baseados no artigo de Rouanet **Dilemas da Moral Iluminista**, mostrar como os autores do chamado “século da Luzes” buscaram fundamentar um conhecimento moral prescindido da religião revelada; que fosse legitimado somente no âmbito da razão, que concedia liberdade e autonomia ao

¹ Texto apresentado como comunicação no I Encontro de Grupos PET-FILOSOFIA do Paraná (maio/97), realizado na Unioeste - Campus de Toledo.

² Graduado em Filosofia pela UNIOESTE, com especialização em Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) pela UNIOESTE e em Educação para a cidadania - Ética e gestão de pessoas pela UNIBEM. Atualmente, desempenha a função de professor de Filosofia e História na SEED/PR. Foi bolsista do Grupo PET-FILOSOFIA da UNIOESTE. E-mail: filosofiajoao1973@gmail.com

homem. Esta nova concepção moral muda radicalmente a reflexão filosófica do século XVII, isto é, a concepção moral assume um novo paradigma para explicar os fenômenos do mundo. Com efeito, abandona-se a visão tradicional de uma natureza finalista e teleológica e desenvolve-se uma nova concepção de homem e de mundo; essa, agora, passa a ser essencialmente terrena e humana; da racionalidade e da relação homem e alemã como realidade essencial. A esse respeito, Alain Touraine, em sua obra **Crítica a Modernidade**, afirma: “A modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças para a vida privada” (TOURAINÉ,1994,18).

Rouanet busca fundamentar o pensamento moral da ilustração nas suas três principais características, quais sejam: o cognitivismo, o individualismo e o universalismo. Acompanhem as considerações de Rouanet a respeito destas características da moral da ilustração.

Cognitivismo

Esta primeira característica da filosofia moral da ilustração defende a idéia de uma sociedade ética separada dos ensinamentos religiosos; e, como alternativa formula três respostas: a jusnaturalista, a empirista e a racionalista.

A) **Jusnaturalista:** Esta corrente pretende fundamentar o pensamento moral mediante a conformidade do comportamento humano com a lei da natureza, ou seja, a moral é fundamentada na natureza. Portanto, o fundamento último da moral seria legitimado na razão natural; numa natureza universal igual em todos os sentidos e peculiar a todos os homens.

B) **Empirista:** Esta corrente pretende fundamentar o pensamento moral no fato do homem ser um animal organizado, sujeito a paixões e que se relaciona com o mundo exterior através das sensações do prazer e do desprazer. Assim, o fundamento moral desta vertente tem como característica primordial ser puramente leiga e imanentista.

C) **Racionalista:** Esta terceira e última corrente refuta ambas as respostas precedentes. Porque, em primeiro lugar, considera a resposta jusnaturalista de natureza determinista de caráter falho; pois esta fere o que a moralidade tem de imprescindível, ou seja, a liberdade humana. Em Segundo lugar, rejeita a resposta

empirista pelo fato desta fundamentar a moralidade em interesses particulares e estes somente dizem respeito a esfera da heteronomia, isto é, estes interesses somente estão relacionados a esfera do que ocorre de forma externa a razão livre do homem. Assim, Kant principal representante dessa linha de pensamento afirma justamente o contrário das duas correntes anteriores, ou seja, seu pensamento morai legitima-se num procedimento interno a própria razão, isto é, o Imperativo Categórico; procedimento que possibilita o indivíduo testar a máxima de suas ações para descobrir em que medida essas possam ser generalizáveis.

Individualismo

Esta segunda característica da filosofia moral da ilustração aponta para o fato de ser uma moral extremamente individualista. Nesta, o homem é visto como um átomo ou como uma mônada; que deveria unir-se aos outros num contrato para formarem a vida social. Este individualismo provocou duas consequências, que são, segundo Rouanet, as seguintes:

Primeira: Nesta, as velhas éticas comunitárias da antiguidade, relacionadas a pólis e ao bem comum, são esquecidas. Com os indivíduos não possuindo nenhuma obrigação moral com relação a estas. Desta forma, a ética da ilustração assume uma postura hedonista (que enfatiza o prazer sensual) e eudemonista (que enfatiza a busca da felicidade e da autorrealização individual).

Segunda: Nesta, ocorre um descentramento do indivíduo com relação às normas existentes em sua comunidade. Com o indivíduo passando a ser autônomo, sendo capaz de sobrepor-se as regras e leis da comunidade, julgando-as criticamente. Portanto, o homem possuía a capacidade de julgar entre o que seria um bem e o que seria um mal para si, independente não só da razão revelada, mas, por outro lado, também da própria moralidade institucionalizada na comunidade.

Universalismo

Esta terceira e última característica da filosofia moral da ilustração postula a concepção de uma natureza humana universal, de princípios universais e de um certo número de normas materiais universais.

Desta forma, havia uma concepção de natureza humana universal, onde todos os homens fossem iguais em todos os sentidos, ou seja, com as mesmas disposições racionais, com a mesma organização passional, que fossem movidos pelos mesmos desejos e que fossem motivados pelos mesmos interesses. Por outro lado, havia também a ideia de uma universalidade dos princípios da moralidade, ou seja, o direito natural, o empirismo e a conformidade com a razão.

Porém, Rouanet indaga a respeito de como seria possível sustentar tais asserções? Ou seja, postular leis da natureza com validade em todas as épocas e países; e, por outro lado, postular a organização psíquica e passional do homem como uniforme e ainda, busca um procedimento do Imperativo Categórico que tivesse validade em todos os tempos e lugares.

Finalmente, havia ainda um postulado substantivo que ultrapassava a universalidade da natureza humana ou de princípios formais de validação; este cogitava a universalidade de normas materiais.

Rouanet coloca que não existe dúvida que os filósofos da ilustração tinham clareza que as coisas variavam de país para país, de tempo para tempo. Sendo tudo tão diverso e o válido para um povo não válido para outro. Então surge a questão: Como é possível cogitar uma verdade universal ou uma moralidade universal?

Segundo Rouanet, as respostas desses filósofos foram que existe uma diferença entre natureza e costume. E para compreender o pensamento moral da ilustração é necessário fazer tal distinção. Pois o costume está relacionado a diversidade empírica. Mas, entretanto, essa variedade é limitada por um pequeno número de normas invariáveis, e, são justamente estas normas que competem ao âmbito da natureza, Portanto, aceitando a variedade de usos e costumes, os filósofos não afirmavam que tudo era universal. Mas tendo a certeza desse núcleo invariável, não afirmavam que tudo era relativo. Em suma: neste texto baseado nos escritos de Rouanet procuramos demonstrar a possibilidade de se cogitar uma filosofia moral desvinculada da religião revelada. Todavia, encontramos em várias obra iluministas vestígios que nos impedem de se ter uma visão unilateral de tal perspectiva, pois está também serviu como elemento reforçador do cristianismo e não somente como seu opositor como possa parecer. Deste modo, o racionalismo moderno amplia o cristianismo, pois cogita a possibilidade de se conciliar razão e revelação, fazendo da

revelação presente na bíblia sagrada apenas o início histórico de uma revelação a ser obtida mediante a razão. E, por outro lado Bayle e Voltaire fazem veementes críticas a uma filosofia moral legitimada na religião revelada. Com efeito, Bayle afirmava que uma sociedade de ateus poderia ser mais ética que uma sociedade baseada na religião. E, por outro lado, Voltaire também afirmava que os maiores massacres da humanidade haviam sido praticados em nome da religião e como exemplo fazia referência a noite de São Bartolomeu, ou seja, um dos fatos mais terríveis das guerras religiosas ocorridas na Europa do século XVI. Não existe dúvida que há fortes críticas a esse novo paradigma do pensamento moral da ilustração, principalmente pelos filósofos contemporâneos. Devido ao fato de Rouanet acreditar que:

“Vivemos num mundo onde não existe nenhuma fé na possibilidade de fundar objetivamente a escolha moral. Vivemos num mundo que desconfia do eudemonismo da ilustração e que não admitia a possibilidade de descentramento do indivíduo com relação a sua comunidade. E vivemos numa época dominada cada vez mais pelos diversos particularismos, que negam a existência de verdades universais ou de uma moralidade universal” (ÉTICA, 1992, 153).

Contudo, queremos deixar claro que isto ultrapassa nosso objetivo nesse momento, que procurou apenas se restringir a demonstrar a possibilidade de uma filosofia moral separada do âmbito da fé, diferente do que acontecia na idade média; denominada pelos enciclopedistas de “idade das trevas”.

Referências Bibliográficas

- NOVAIS, Adauto. *Ética*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 149-162.
TOURAINÉ, Alain. *Crítica à modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
FALCON, Francisco J. Calazans. *Iluminismo*. 30 Ed. São Paulo: Ática, 1991.